

AS CADEIRINHAS

Les dieux s'en vont! — Tudo no mundo fenece! Taes as exclamações que soltei ao ver parada juncto da escadaria da Sancta Casa uma cadeirinha de cortinas de chita, muito suja e desconjunctada, da qual eram carregadores dous typos vulgares e que fumavam cigarros *permanentes*, pensando naturalmente na morte da bezerra.

Não eram assim os Godos de Oeste, dizia o Herculano, no seu *Eurico*; não eram assim, repetirei, as cadeirinhas do meu tempo.

Essa que vi é um typo degenerado; não tem o *chic* e a elegancia das outras; só sai furtivamente á rua para conduzir doentes, esconde-se lá para as bandas da rua da Imperatriz e nem deveria figurar no orçamento municipal.

Não tendo á mão o *Larousse*, não posso dizer se as cadeirinhas são invento dos Mouros, dos Phenicios, dos Hebreus, *et reliqua*.

Sei que existem ha muitos seculos na Hispanha e em Portugal.

Dahi passaram aa Brasil, sendo usadas na Bahia, onde, até hoje, gosam do direito de cidade, e apezar de lá haver o célebre *para fusos* do Lacerda e outros.

Aqui na nossa cidade, usou-se e abusou-se das cadeirinhas, como ainda hoje se usa e se abusa dos bondes. Era o séstro da epocha.

Não havia familia, mesmo remediada, que não tivesse a sua cadeirinha, a qual era guardada suspensa por meio de roldanas, no tecto do corredor.

Em muitas casas desta capital se encontram vestígios dessa usança, como testemunhas desse luxo dos nossos maiores.

Havia dous typos mais notaveis: um era a cadeirinha, ou antes palanquim, em fôrma de um coupé moderno, tendo varaes levantados por meio de correias, que passavam pelo cogote dos carregadores. Dellas podemos apreciar, como especime, a luxuosa cadeirinha que figura em um dos grandes quadros que tem de apparecer no tecto da Candelaria, pintados pelo illustre artista Zephyrino. Taes eram os ornatos de ouro e prata desses vehiculos, taes as cortinas de velludo e seda, que a pragmatica do marquez de Pombal pôz embargos a tanta despesa, cortando-lhe as demasias. Bom tempo em que o Governo, como pae de todos, e como tutor do *Zé Povinho*, não queria que este gastasse muito cobre com cousas que *prejudicavam a pureza de costumes*.

Do segundo typo de cadeirinhas, das que eram mais usadas e que chegaram aos nossos dias, encontramos exacta cópia nos desenhos da obra de Debret sôbre o Brasil. Eram carregadas ao hombro de valentes negros, escolhidos a dedo e vendidos como parelhas de bestas, que usavam exóticas librés e eram tractados a vêla de libra pelos senhores. Havia-os tão peritos e certos na andadura, que uma pessoa sentada podia levar á mão um copo cheio d'agua e esta, apezar do movimento cadenciado, não transbordava.

Casamentos e baptizados, tudo era feito a cadeirinha.

Em uma, no primeiro caso, ia a noiva e em outra a madrinha. O noivo e os convidados iam a pé. Nos baptizados, ia a ama com a criança dentro da tal *historia*, e os progenitores e dindinhas caminhavam ao lado, com ar grave e solenne.

Dizia a chronica que o humilde auctor desta arenga foi levado á pia baptismal conduzido em cadeirinha de cortinas de setim azul, tendo na cupola uma grande pomba de azas abertas.

Tambem a viagem era curta e não devia ter cansado os convidados. A egreja era alli a de S. José; a data, (nota para os meus biographos) o anno da graça de 1847. Não sou pois muito velho.

Quem quizer ter melhor idéa do que eram as cadeirinhas no Rio de Janeiro é lêr as *Memorias de um sargento de milicias*, do sempre lembrado Almeida, victima do naufragio do vapor *Hermes*.

Ha nesse romance uma senhora d. Maria, célebre demandista, que *por dá cá aquella palha* não dispensava a classica cadeirinha. Apezar de ter sido moda, conheço senhoras velhas,

que nunca se puderam ageitar a esse meio de transporte e preferiam caminhar *calcante pede* a se metterem em tal caranguejola. Enjoavam e vomitavam, como si estivessem a bordo de qualquer embarcação.

Era uma *idiosyncrasia*, como se diz hoje, em linguagem puxada á sustancia. Também não havia muitas traquitanas, nem seges, e as poucas que havia eram dos fidalgos ou de gente de *sangue azul*.

A proposito, é certo que os governadores e vice-reis tinham o seu coche.

Bobadella offereceu o seu á madre abbadessa que veio da Bahia, com algumas companheiras, para fundar o convento da Ajuda; isso no dia da inauguração, que foi, segundo li, dia de grandes festas, havendo até uma representação theatral em um palanque armado juncto á porta, onde se vê ainda hoje um chapéo de bispo, o qual fazia parte das armas de d. Antonio do Desterro, Luiz de Vasconcellos tinha também o seu carro, ou antes traquitana, puxado por quatro bestas, indo o cocheiro montado em uma dellas.

Isso vê-se alli nos quadros do *Fogo do Parto*, no côro inferior dessa egreja, rua de S. José, esquina da dos Ourives, onde se diz missa todos os dias de preceito ao *meio-dia*. A cousa é digna de ser vista e vale a pena.

O conde de Resende dava-se ao luxo de andar de carro, e para ir á *Opera de Manoel Luiz*, que distava poucos passos do palacio, mandava dar uma volta pelo largo, sustentando a dignidade do cargo.

Era uma mania como qualquer outra.

Pois hoje não ha sujeitos que mandam parar o bonde no largo da Carioca para saltar no largo do Rocio, mostrando assim aos outros que elles podem e sabem gastar um *nicolau*?

Voltemos, porém, ás cadeirinhas, e já que estamos com a mão na massa, contemos um factio caracteristico desses bons tempos de outr'ora.

Carregado em rica cadeirinha por dous possantes Ethiopes, que suavam em bica, subia a ladeira da Conceição um rico proprietario, que pelo nome não perca. Em sentido inverso descia a pé o conde da Cunha, o qual andava *administrando as obras da fortaleza e tomando o ponto aos operarios*. Ao avistar a cadeirinha mandou parar e ordenou ao proprietario que saísse.

Poz um dos negros no logar do branco e mandou este carregar com o outro a cadeirinha.

O sujeito não tugiou nem mugiu, obedeceu: apanhou muito sol, e dias depois morria, ou apaixonado ou victima de uma congestão cerebral.

Isso corre sob a responsabilidade de um tio meu, morto ha vinte annos, o qual, apesar de tudo, não cessava de dizer que o seu tempo era o melhor de todos que no seu tempo não se fazia isto ou aquilo, que, *no seu tempo* os rapazes andavam de camisola até aos quinze annos e brincavam com as raparigas a cabra cega ou a Senhora Madeira, portando-se com toda a compostura e innocencia!

Si algum dia houver quem queira estudar a historia dos vehiculos do Rio de Janeiro e tiver de fallar em *cabs fluminenses, tumbas, andorinhas, bangulas, tilburys, nas antigas gondolas e omnibus, nos Alabamas, bispos, caleças, meias caleças, e tutti quanti*, não póde nem se deve esquecer das classicas rêdes, dos carros de bois, e sobretudo das cadeirinhas.

Tiveram estas a sua idade de ouro no tempo do principe regente, e isso devido a um carrapato.

Eis o caso: estando o filho de d. Maria I na fazenda de Sancta Cruz, um desses bichinhos teve a audacia de se agarrar á canella de sua real senhoria, e d. João, sem maior cautela, arrancou o carrapato. Teve uma formidavel erysipela e em seguida no logar se formou uma ulcera, devido a ter ficado na perna o ferrão do supradicto carrapato.

O mal aggravou-se; foi chamada a mestrança medica, houve juntas ou conferencias, boletins, discursseira velha, que não foi estenographada por não haver ainda a Tachigraphia.

Grandes premios foram promettidos; chamaram-se practicos estrangeiros; mas a cousa ia de mal a peor; e, depois de muito tempo, a ulcera de fundo carrapatoso cicatrizou quando bem quiz.

O mesmo acontece hoje com o microbio da febre amarella; todos o conhecem, grita-se contra elle; *está aqui, está alli*, está em toda a parte, mas ninguem ainda descobriu a toca do tal malvado, que ri e zomba de todos nós.

Quando ia melhorando, e para dar os seus passeios, servia-se d. João de uma cadeirinha carregada por negros rubustos, especie de *guarda negra*. Eram doze e andavam vestidos de seda vermelha, levando á cabeça formidaveis barretinas, tendo como tope as armas da Casa Real.

Muito estimados do principe, cantavam e dansavam um fado que dizia assim:

Nosso Sinhô chegô,
Captiveiro já acabô.

Desde que o primeiro magistrado da nação começou a andar de cadeirinha, nobres e plebeus tractaram de imita-lo, e só faltou que uns e outros usassem tambem de muleta, da qual se servia o real enfermo, que ficou sempre coxo ou capenga da tal perna, *mas nunca deixou de formar.*

O filho não o imitou, e deixou-se de cadeirinhas: guapo cavalleiro montava perfeitamente e tinha a mania de saber bolear, andando á disparada, o que lhe valeu partir por duas vezes as costellas.

Ahi ficam estas mal traçadas linhas como monumento erguido á historia dos nossos usos e costumes, tão differentes hoje do tempo de d'antes.

26 de Novembro de 1896.
